

PALAVRAS EM RESSONÂNCIA: O ORAL E O ESCRITO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA XAKRIABÁ, UM OLHAR A PARTIR DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS

Vanessa Lorena Anastácio
Universidade do Estado de Minas Gerais,
Mestranda em Educação e Formação Humana,
Pedagoga, Contadora de Histórias, vlanastacio@gmail.com,

José de Sousa Miguel Lopes
Universidade do Estado de Minas Gerais, Prof. Dr. Orientador de pesquisa,
miguel-lobes@uol.com.br

Resumo

Este trabalho se baseia em uma pesquisa etnográfica em andamento e realizada com Contadores de Histórias Professores de Cultura moradores das aldeias Prata e Imbaúba localizadas na Terra Indígena Xakriabá. Buscamos analisar como a expressão poética da voz dos Contadores de Histórias Professores de Cultura está presente na escola Xakriabá e como se articulam os modos de aprendizagem das narrativas, uma vez que elas fazem ressoar conhecimentos e práticas tradicionais nas aldeias, ou seja, elementos da cultura Xakriabá. No contexto da pesquisa foi possível identificar diferentes formas de oralidade e perceber a predominância dos processos de transmissão oral do conhecimento entre os Xakriabá. Mesmo com o contato com o escrito desde a missão católica de São João dos Índios, entre os séculos XVII e XVIII, entre os Xakriabá estão preservadas várias manifestações da oralidade e dos discursos tradicionais. Uma voz poética preenche a atmosfera da Reserva Indígena e, neste contexto, a palavra que traduz a voz poética das manifestações orais se materializa na figura do Contador de Histórias, sábios, tradicionalistas, homens memória. Com a Constituição de 1988 e os novos paradigmas para a educação escolar indígena no país, os Xakriabá vivenciam uma rápida expansão da escola, se antes da década de 1990 a oferta escolar era escassa e as práticas escolares estavam unicamente voltadas para a alfabetização, pois o objetivo era aprender a ler e a escrever, hoje a escola está em todo o território e se constrói no modo Xakriabá, tendo suas atividades rapidamente expandidas e ressignificadas pelo grupo. Apresentamos análises que nos permitem ler a relação entre o oral e o escrito na escola indígena Xakriabá a partir das práticas engendradas pelos Contadores de Histórias Professores de Cultura.

Palavras Chave: educação escolar indígena, oralidade, Contador de Histórias

Abstract

This work is based on an ethnographic research in progress and carried out with Storytellers Cultural Teachers living in the villages Silver and Imbaúba located in the Xakriabá Indigenous Land. We seek to analyze how the poetic expression of the Storytellers' Counselors of Culture voice is present in the Xakriabá school and how the narrative learning modes are articulated, since they resonate traditional knowledge and practices in the villages, that is, elements of culture Xakriabá. In the context of the research it was possible to identify different forms of orality and to perceive the

predominance of the processes of oral transmission of knowledge among the Xakriabá. Even with the contact with the writing since the Catholic mission of Saint John of the Indies, between the XVII and XVIII centuries, between the Xakriabá are preserved several manifestations of oral and traditional discourses. A poetic voice fills the atmosphere of the Indigenous Reserve and, in this context, the word that translates the poetic voice of oral manifestations materializes in the figure of the Storyteller, sages, traditionalists, memory men. With the 1988 Constitution and the new paradigms for indigenous school education in the country, the Xakriabá experience a rapid expansion of the school if, prior to the 1990s, school supply was scarce and school practices were only focused on literacy, since the goal was to learn how to read and write, today the school is all over the territory and it is built in Xakriabá mode, and its activities are rapidly expanded and renified by the group. We present analyzes that allow us to read the relationship between oral and written in the Xakriabá indigenous school based on the practices engendered by Storytellers Teachers of Culture.

Keywords: indigenous school education, orality, writing, Storyteller

Introdução

O modelo de educação escolar indígena que surge no Brasil a partir da Constituição de 1988 e da ampla discussão em âmbito nacional sobre a educação em territórios autóctones, permitiu às escolas indígenas se afirmarem como interculturais, específicas, bilíngues e diferenciadas. Atualmente, diferente de outros momentos históricos, os povos indígenas vêm requisitando a educação escolar em todos os níveis, pois enxergam nela um importante instrumento de reafirmação de suas identidades e de diálogo com a sociedade nacional.

Neste interim, o projeto de escola diferenciada vai surgir a partir da forma que cada povo indígena interpreta e dá sentido à escola e às práticas nela inserida. Nas aldeias Xakriabá, em seu desafio de elaborar e colocar em prática um projeto político-pedagógico inovador em diálogo com os processos sociais e educativos da comunidade, cria-se na escola, dentre outros mecanismos, a categoria do professor de cultura. O professor de cultura nas escolas Xakriabá é aquele que trabalha elementos da cultura e da tradição Xakriabá na escola como meio de valorização e preservação da “cultura” e de afirmação da identidade étnica indígena com uma prática não baseada nas formas canônicas de ensinar e aprender na escola.

A criação do cargo de professor de cultura está relacionada à própria forma como a escola passa a fazer parte da vida dos índios Xakriabá, em um contexto de retomada das tradições, principalmente a partir de uma preocupação dos mais velhos com o fato de que os jovens estão se distanciando das tradições e de que a escola precisa ensinar também as “coisas da cultura”. Dentre estas “coisas” nos chama à atenção a força e sentido que tem a tradição oral entre os Xakriabá.

Uma voz poética preenche a atmosfera da Reserva Indígena, neste cenário a palavra que traduz a voz poética das manifestações orais se materializa na figura do Contador e da Contadora de Histórias. É comum ao adentrarmos a Reserva vivenciar junto aos nativos momentos de contação de histórias e causos em prosas e versos rimados, mitos, cantorias, situações onde o Contador de Histórias toma a palavra, ora para o divertimento, o ensinamento ou o rememorar acontecimentos vividos pelo grupo.

Percebemos o quanto a contação de histórias é um forte aspecto da “cultura”

Xakriabá, nela estão presentes conhecimentos e valores tradicionais que envolvem as narrativas de origem compondo toda a cosmologia deste povo. Na palavra do Contador de Histórias Xakriabá podemos perceber potentes elementos de unidade da identidade deste povo e como estão sempre buscando relações com personagens e fundamentos dos contos nas práticas da tradição.

Mesmo tendo contato com a cultura escrita desde a missão católica de São João dos Índios entre os séculos XVII e XVIII, com as práticas de alfabetização ainda que incipientes na década de 1930 e a crescente oferta escolar a partir de 1997 – hoje com vagas para toda a população na educação básica dentro de seu território – estão preservadas entre os Xakriabá várias manifestações da oralidade e discursos tradicionais. O que se observa é que apesar da acelerada expansão da escolarização e, conseqüentemente, o acesso à escrita no território, a linguagem utilizada pelos Xakriabá em processos de ensino e aprendizagem no ambiente escolar, é predominantemente oral. Ainda que ao utilizar a escrita, esta contém fortes marcas de oralidade, fato facilmente observado em suas diferentes publicações.

Verifica-se nas pesquisas e livros publicados no contexto de projetos e cursos de formação de professores indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, um caráter de escrita que preserva as marcas do português falado no território Xakriabá, o que eles mesmos caracterizam como “português Xakriabá” ou “Xakriabês”. Como por exemplo, os livros *Para seu trono Lirar* (LITERATERRAS/FALE/UFMG 2013), *Com os mais Velhos* (Fale/UFMG 2005), *Festejos Xakriabá* (FIEI/FALE/UFMG, 2013). São textos onde encontramos, por exemplo, uma escrita formal calcada na oralidade, onde se misturam a dinâmica da experiência vivida e as exigências de padrões textuais do português, da norma culta.

Com as novas políticas educacionais indígenas, a formação de professores e a produção de literatura escrita e material didático específico para as escolas indígenas aumentaram consideravelmente no país. Em nossa atuação no Programa Saberes Indígenas na Escola (SIE¹) junto aos professores indígenas Xakriabá, nas pesquisas, livros e vídeos produzidos, fica explícito o interesse dos professores em construir materiais que preservem e valorizem as formas de oralidade no território, principalmente as histórias contadas, a voz e o saber dos mais velhos nas aldeias.

Uma análise mais detalhada destes materiais, a experiência de construção de material didático com os professores indígenas Xakriabá ao longo de dois anos e as primeiras análises da pesquisa de campo, levou-nos à conclusão de que estes sujeitos pertencem a uma cultura que tem sua identidade firmada nos modos de transmissão oral. Foi no âmbito da produção de material para a escola indígena Xakriabá que identificamos alguns Contadores de Histórias Professores de Cultura, quando surgiram

1 O Programa Saberes Indígenas na Escola – SIE, é promovido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secadi), do Ministério da Educação, sendo parte do Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais. Nas instituições públicas de ensino superior que promovem a formação de professores indígenas das regiões Sudeste e Sul e nos estados de Roraima e Amapá, a ação (SIE) é coordenada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O SIE promove a formação de professores indígenas tendo como foco o fomento às pesquisas que tenham como resultado a produção de materiais para as escolas indígenas, com ampla participação das comunidades indígenas. O trabalho é realizado por equipes compostas por professores e pesquisadores indígenas, bem como os sábios (pessoas mais velhas das comunidades, guardiãs dos saberes ancestrais), como também professores e pesquisadores não indígenas. Dois dos autores deste trabalho atuam no programa na equipe de formação Xakriabá, na Faculdade de Educação da UFMG.

perguntas que nos levaram a uma investigação mais ampla da qual este trabalho faz parte.

O objetivo central da pesquisa em andamento é investigar a presença da voz poética dos contadores de histórias na escola indígena Xakriabá, os modos de aprendizagem das narrativas e as ressonâncias produzidas por elas a partir da transmissão e apropriação dos contos. Buscamos ainda verificar quais as concepções de educação e cultura emergem das práticas de conhecimento dos Contadores de Histórias Professores de Cultura; analisar como os Contadores de Histórias Professores de Cultura compreendem os saberes e aprendizagens culturais, tradicionais e estéticos a partir da contação de histórias; compreender as especificidades da educação escolar indígena Xakriabá e a relação com o saber a partir da palavra do Contador de Histórias Professor de Cultura.

Os caminhos da pesquisa foram orientados por uma perspectiva etnográfica, pois pretendemos compreender alguns processos sociais e culturais e a produção destes processos a partir de um olhar interno a eles. Como procedimentos de coleta de dados, foram utilizadas a observação participante e entrevistas narrativas, com presença na escola, nas aulas dos Contadores de Histórias Professores de Cultura e em outros espaços e contextos do cotidiano nas aldeias Xakriabá. Pela natureza da pesquisa, que agrega educação e cultura, desenhamos um diálogo interdisciplinar norteado por alguns autores dos campos da literatura, antropologia e educação.

Neste texto trazemos parte de nossa investigação, elucidamos elementos que nos permitiram compreender os significados dados aos contadores de histórias pela coletividade e seu papel na educação do grupo, como também as relações entre a oralidade e o escrito² a partir da presença e da prática do Contador de Histórias na escola indígena Xakriabá. Procuramos também refletir sobre as formas de ensinar e aprender testemunhadas junto aos Contadores de Histórias na escola, a partir das análises já empreendidas na pesquisa de campo.

Tessituras acústicas: o Contador de Histórias Xakriabá

Ente os anos de 2015 e 2017 ao conviver com alguns professores Xakriabá, durante o trabalho de formação de professores e produção de material para a escola indígena Xakriabá no contexto do SIE, e orientarmos um trabalho de produção com os contadores de histórias no território, percebemos o quanto os homens e mulheres que contam histórias são reconhecidos pela coletividade como aquele que tem o domínio das narrativas, da memória, das tradições, dos saberes. Aqueles que “sabe muita coisa, sabe tudo disso aí”: memória, palavra, gesto, saber tradicional, voz poética.

Os Xakriabá vivem num contexto onde a cultura escrita, de acordo com o que nos indica Galvão (2010, p.218) “o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade”, inserida de forma mais expansiva a partir da década de 1990, exerce certa influência. O que se percebe é que apesar dos processos colonizadores e de escolarização que historicamente e tradicionalmente trouxeram a escrita em substituição da narrativa oral, a oralidade em suas diferentes formas permanece viva e forte nas aldeias, se constituindo como uma das principais características da cultura e marca identitária Xakriabá.

Para os Xakriabá as histórias continuam sendo o saber do povo e são contadas para informar, distrair, divertir e ensinar sobre sua cosmologia, seus hábitos cotidianos,

2 Compreendemos o escrito conforme indica Galvão (2010), qualquer ocorrência ou atividade que tenha como medição a linguagem escrita e não apenas o ato de escrever ou os produtos da escrita.

suas crenças, seus ritos, suas regras morais, sociais e tradicionais. Todo o universo cultural está preservado em seus contos e é aprendido e compreendido através das histórias contadas pelo contador de histórias. Sua palavra perpassa os períodos históricos, as crenças, as tradições, os costumes e o cotidiano de um povo. O contador de histórias tem uma palavra moldada de saberes do *tempo dos antigos* e também conhecimentos do *tempo de agora*, que comunica e transforma, seduz e tem poder.

Consideramos que a palavra do contador de histórias é também uma palavra-arte carregada de afeto, ludicidade e imaginação, tornando a narrativa oral completa e complexa. Encanta pelo contato estreito com o ouvinte que reconhece no ato da narrativa muito de si mesmo e da sua cultura. Contar histórias é uma arte que oferece a palavra como possibilidade de cultivar espaços de recriação interior a partir da interação narrador espectador, permitindo-nos brincar com a imaginação, possibilitando ainda a ressignificação do cotidiano através da mensagem poética.

Ao pensar palavra-arte, tomamos o conceito de performance tal qual concebido por Paul Zumthor (2007, p.32) “a performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca”. Para o autor a *performance* compreende dimensões cognitivas, estéticas, comunicativas e antropológicas, pois está recheada de elementos significativos relacionados aos procedimentos poéticos, à história, à religiosidade, aos instrumentos musicais, à música, ao sistema de vida e de trabalho, às expressões culturais, e à filosofia de diversos grupos.

Performance implica competência. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. É pelo corpo que somos tempo e lugar: a voz o proclama, emanção do ser. (ZUMTHOR, 2010, p. 166)

Na performance a mensagem poética é transmitida no momento presente, uma situação única, onde se encontram e são confrontados o locutor, o destinatário e as circunstâncias. Ela é ao mesmo tempo expressão e fala. Como uma ação dupla, se conferida no campo da emissão e da recepção, na performance estão em cena os sujeitos de fala e de escuta e os meios pelos quais ela se realiza, a voz, o gesto e a mediação. Assim, a performance permite a interação do espaço e do tempo, das perspectivas intelectuais e sensoriais, ela possui uma dimensão dialógica, só pode existir em relação ao outro, numa relação de alteridade, constituindo uma “obra viva”.

Desta forma, a contação de histórias como performance da poesia oral, como forma de ressonância das poéticas da voz, é palavra-arte, é também um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento. É o momento onde os roteiros se constituem esquemas para a construção dos sentidos estruturantes dos ambientes sociais e comportamentos, sendo os roteiros ambientes de memória (corpo, gesto, oralidade, práticas coletivas) que recriam e transmitem a memória do conhecimento.

Afirmar ter os contadores de histórias uma palavra-arte, é trazê-los a uma condição de artista³. Ao terem esta condição reconhecida, os contadores podem passar a ser também “porta-vozes do povo, moderadores do poder, historiadores, animadores: a comunidade os escolheu por sua eloquência, seu juízo, sua aptidão para emocionar.” (ZUMTHOR, 1997, p. 227). O contador de histórias assume, então, uma posição de autoridade que lhe é delegada pelos saberes que detém e transmite oralmente, para as gerações.

Para compreender o papel e as interpretações dadas pelo povo Xakriabá aos contadores de histórias, tomamos a análise de Jacques Le Goff (1996) em seu ensaio sobre a memória em sociedades sem escrita,

Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memória: “genealogistas”, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, “tradicionalistas”, dos quais Balandier diz que são “a memória da sociedade” e que são simultaneamente os depositários da história “objetiva” e da história “ideológica”, para retomar o vocabulário de Nadel. Mas também “chefes de família idosos, bardos, sacerdotes”, segundo a lista de Leroi-Gourhan que reconhece a esses personagens “na humanidade tradicional, o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo”. (LE GOFF:1996, p. 429)

Esta acepção dos contadores de histórias se mantém viva na cultura Xakriabá, em um universo que se apropriou da escrita, porém não grafocêntrico. Na TIX⁴ percebemos que as histórias contadas mantêm os indivíduos unidos em torno do entendimento e do reconhecimento de sua própria cultura, a força da palavra transcende as possibilidades de entendimento da realidade, recriando-a e transformando-a. Ao comunicar de situações nas quais as crianças, jovens e outros ouvintes se reconhecem e reconhecem também a coletividade em que estão inseridos, as narrativas ajudam a recriar a própria história, sua relação com o indivíduo favorece a função criadora e possibilita a transformação.

Podemos também pensar os costumes Xakriabá nos termos de uma cultura essencialmente acústica, segundo aponta LOPES (2004), não desprezando sistemas de escritura pictográfica ou ideográfica como as pinturas corporais e rupestres encontradas no território Xakriabá, bem como pinturas geométricas feitas nos artesanatos em cerâmica, osso e madeira. O autor destaca,

Designo por cultura acústica a cultura que tem no ouvido, e não na vista, seu órgão de recepção e percepção por excelência. Trata-se no entender de Antonio Vinão Frago, de uma “cultura não linear, mas esférica”. Numa cultura acústica, a mente opera de outro modo, recorrendo (como artifício da memória) ao ritmo, à música e à dança, à repetição e à redundância, às frases feitas, às fórmulas, às sentenças, aos ditos e refrãos, à retórica dos lugares-comuns – técnica de análise e lembrança da realidade – e às figuras poéticas – especialmente a metáfora. Sua oralidade é uma oralidade flexível e situacional, imaginativa e poética, rítmica e corporal, que vem do interior, da voz, e que penetra no interior do outro, através do ouvido, envolvendo-o na questão. Nessa cultura, os homens e as mulheres sabem escutar e narrar, contar histórias e relatar. E isso com precisão, clareza e riqueza expressiva. De um modo cálido e vivo como a própria voz. São mestres do relato, das pausas e das brincadeiras, da conversa e da escuta. Amam contar e ouvir

3 Na perspectiva da arte indígena como aponta Els Lagrou (2009), onde a produção de arte não está deslocada do cotidiano da aldeia em sua função e prática.

4 Terra Indígena Xakriabá

histórias, tomar parte nelas. É uma cultura caracterizada por um determinado conhecimento histórico, social e individual do sistema de representação fonética da língua oral – ou seja, da “escrita alfabética” - do qual hoje vem se apropriando, via educação escolar. (LOPES: 2004, p. 26-27)

As narrativas dentro da TIX são compreendidas como o espaço simbólico onde os Xakriabá se reconhecem e são reconhecidos, criam e recriam suas experiências cotidianas e ainda mobilizam práticas e conhecimentos tradicionais. Nesta perspectiva, as narrativas contadas pelo contador de histórias, por sua gama de conhecimentos e sua ideia de compartilhar, permitem a reflexão e o redirecionamento das ações cotidianas, no sentido de reverter a ideologia da cultura grafocêntrica onde nenhum outro tipo de conhecimento é ou poderá ser legitimado pela sociedade. Ao preservar essa palavra os Xakriabá afirmam na narrativa oral – relato mediado pelo corpo, voz, pelo humano – e no contador de histórias um conhecimento que carrega em si saberes e práticas incorporadas, preservando um senso de identidade e de memória coletiva necessário aos modos de aprendizagem dentro do território.

A oralidade, a linguagem corporal, esta palavra em performance do contador de histórias ainda é a principal forma de transmissão do conhecimento nas aldeias. Lá o ensinamento está ligado à experiência e integrado à vida, para que se compreenda o cotidiano, a vida, o mundo, é necessário experimentá-las. A construção do conhecimento se dá através do corpo, da ação, do comportamento social e da comunicação.

Relembremos as funções da memória nas sociedades de tradição oral: não é apenas conservar, mas parte fundante na construção dos valores, costumes e crenças. A memória aqui não se configura somente como um testemunho do passado. Percebemos nas narrativas Xakriabá de origem⁵, por exemplo, elementos de trocas feitas com outros povos, de construções dos valores relacionados à terra, de sua formação identitária. Enfim todo um universo cultural e filosófico é constituído, além das relações entre os sujeitos e a natureza, pelo lembrar e esquecer.

Contar histórias para o Xakriabá é forma de estar no mundo, é sim lembrar o passado, mas é acima de tudo viver o presente com conhecimento, de forma lúdica e criativa. As narrativas ensinam, a palavra dos contadores de histórias é carregada de significados e significantes, por isso traz à comunidade Xakriabá a consciência de sua identidade e elementos de legitimidade de sua cultura indígena. A educação como transmissão de um patrimônio encontra na palavra dos contadores de histórias um recurso poderoso de conhecimento, memória e vivência da cultura.

As narrativas e os sujeitos que as narram são elementos mútuos na aprendizagem Xakriabá como também são parte fundamental na transmissão de conhecimento e de valores acerca da cultura e do patrimônio cultural deste povo. Nas aldeias os conhecimentos e as identidades desenvolvem-se na relação constante das pessoas na ação com o mundo material e essencialmente o imaterial, sócio-histórico e cultural. Ou seja, os indivíduos, as suas práticas e o mundo são mutuamente constitutivos.

Na educação Xakriabá percebe-se atualmente um movimento chamado pelos professores indígenas de “retomada”. O termo antes utilizado no contexto de reivindicação de um território reconhecido mas não dado de posse aos indígenas, foi ressignificado e ampliado para uso no contexto das manifestações da cultura. Consideram que retomar carrega o significado do desejo de lembrar, rememorar o que

5 Chamo de narrativas de origem as histórias do ciclo da luta pela terra, desde a doação até a demarcação. Como aponta Santos (1997) é neste ciclo que se configura coletividade Xakriabá.

foi esquecido, costumes do tempo dos *antigos* que revelam práticas tradicionais não mais praticadas. Na educação escolar as aulas de Cultura reverberam o desejo de anciãos, lideranças e professores em praticar saberes e fazeres que podem se perder com o tempo e o não fazer. O desejo de lembrar se faz presente bem como o de não esquecer.

Para lembrar é necessário ouvir as histórias do *tempo dos antigos*, assim se inaugura nas aldeias uma constante busca pela palavra dos mais velhos. Neste movimento natural e temporal da memória – o lembrar e o esquecer – os Contadores de Histórias, selecionam e reformulam o passado através da memória e das reincorporações dos tempos presentes nas suas narrativas. Assim a retomada é do que se esqueceu e do que se pode ainda lembrar, de uma memória coletiva que se faz presente performatizada pelos sujeitos numa relação simbólica entre o passado e o presente.

A dimensão do saber tradicional das narrativas na educação Xakriabá não é um conjunto homogêneo de representação do passado. Este saber se configura como um bem de valor simbólico expresso pela memória coletiva e alimentado por representações culturais por isso merecedor de transmissão. A memória do conhecimento não se resguarda apenas nos lugares de memória, para os Xakriabá os lugares sagrados, as casas dos anciãos e até mesmo a escola, mas se recria e se transmite nos ambientes de memória: repertórios orais, repertórios corporais, hábitos, gestos que tem em seus processos de transmissão meios de criação, passagem, reprodução e de preservação dos saberes.

Retomar se faz portanto nas correlações entre performance e memória. Busca cobrir as faltas, os vazios e as rupturas, mas também afirmar a história, a identidade, a cultura e o território Xakriabá, no tempo passado, presente e futuro, em suas dimensões materiais e imateriais. Assim, o passado se torna fonte de inspiração e conhecimento, o presente um círculo de respiração e ressignificações e o futuro a aspiração coletiva de um construto sólido ancestral e filosófico nas espirais do tempo onde tudo vai e tudo volta.

O oral e o escrito nas práticas escolares dos Contadores de Histórias

Na década de 1990 observamos em todo o país diversas ações de implementação das escolas indígenas. Em Minas Gerais, desde a criação do Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI), nos últimos 20 anos, o acesso à escola e, conseqüentemente, ao escrito ganhou contornos jamais vivenciados pelos Xakriabá. A chegada da eletricidade e da escola marcam um intenso processo de modernização pelo qual passou os índios Xakriabá nas últimas décadas.

Pode-se observar que as perspectivas que se colocam para a educação escolar indígena e as práticas em curso se configuram como um grande desafio para professores, gestores e lideranças indígenas que pensam a escola. O pesquisador indígena Gersem Baniwa nos chama à atenção para o desafio de erguer escolas indígenas com pedagogias e metodologias que superem o monopólio da cultura grafocêntrica e abrir espaços para outros modos de transmitir conhecimentos através “da oralidade, da imagem, da observação, dos exemplos dos mais velhos, do aprender fazendo, vivendo, experimentando, pesquisando e descobrindo”, isto numa instituição escolar que tem em si uma tradição de ensino arraigada na cultura escrita (LUCIANO, 2013. p. 11).

Nas aldeias Xakriabá, junto ao crescimento da escola cresce o acesso à tecnologia da escrita. O que se percebe é que apesar dos processos colonizadores e de escolarização que trouxeram a leitura em voz alta em substituição da narrativa oral

tradicional, a oralidade em suas diferentes formas – histórias, cantos, rezas, ladainhas, brincadeiras – permanece viva e forte e se constitui como uma das principais formas de transmitir conhecimento na escola.

Observamos entre os Xakriabá diferentes modos e estratégias de apropriação da escrita e múltiplas formas de relação entre a oralidade e a escrita: a primeira, porém, permanece como referência dominante por ser a forma de tradicionalmente se aprender e ensinar. Nota-se, inicialmente, na atuação dos Contadores de Histórias Professores de Cultura uma relação não dicotômica entre a oralidade e o escrito, mas sim uma interação onde ambas interagem e comunicam-se. Porém,

[...] não podemos perder de vista a relação, ao mesmo tempo tensa e cooperativa, que ocorre entre sujeitos mais velhos – responsáveis pela manutenção das tradições, depositários do saber tradicional e de sua lógica de transmissão –, de um lado, e alunos e professores, de outro, que assumem importância decisiva no cenário contemporâneo, não apenas porque representam uma nova categoria de sujeitos letrados, mas porque ocupam o lugar de intérpretes legítimos da cultura Xakriabá, os quais, por intermédio da escola, lutam para que sua identidade seja reconhecida e preservada. (GERKEN et al, 2014, p. 253)

Na escola Xakriabá as demandas pela manutenção e valorização dos conhecimentos, da cultura, das tradições e dos valores tradicionais próprios deste povo indígena fica principalmente a cargo das práticas e dos modos de aprendizagem que envolvem o Professor de Cultura, na nossa pesquisa também Contador de Histórias. O professor de cultura, surge na escola Xakriabá principalmente a partir de uma preocupação dos mais velhos com o fato de que os jovens estão se distanciando das tradições e de que a escola precisa ensinar também as “coisas da cultura”.

A pesquisadora Verônica Mendes Pereira, em sua tese de doutorado *A circulação da cultura na escola indígena Xakriabá*, constatou que, apesar de ser um produto da escola, o Professor de Cultura ensina coisas que vão além da escola e até mesmo a precedem, o que chamam de “coisas da cultura”, muitas vezes, diferentes das que encontramos nas escolas comuns. Há tanto uma diferença no conteúdo como na forma de os professores trabalharem esses conteúdos (PEREIRA, 2013. p. 17).⁶

Com efeito, observam-se situações de aprendizagem muito diferentes na forma como o Professor de Cultura trabalha. Vimos que quase nunca a aula de Cultura acontece dentro da sala de aula, mas sim no espaço externo da sala ou fora da escola. Os “encontros de cultura”, “rodas de conversa” ou “noites culturais” são também aulas e, quando acontecem fora do espaço físico da escola com ampla participação das aldeias. Estas situações são também negociadas.

Ao Professor de Cultura não é exigido uma formação escolar, ou um diploma de curso superior ou técnico, são escolhidos pela comunidade por seu envolvimento com as práticas da tradição e amplo conhecimento da cultura. Além disso, são pesquisadores assíduos, estão sempre junto aos mais velhos, buscando conhecimentos e aprendendo como e quando podem passá-los adiante. A escola Xakriabá se coloca a tarefa de valorizar e preservar a cultura, mas não sem sofrer questionamentos e pressões dos órgãos reguladores. A instituição dos Professores de Cultura na organização didática da escola foi uma negociação que durou anos.

6 Nesta mesma pesquisa a autora identificou outros professores que abordam a Cultura: o professor de artes, de práticas culturais e de uso do território.

As situações de ensino-aprendizagem vivenciadas junto aos Professores de Cultura diferem substancialmente das práticas tecidas pelo que um de nossos contadores de histórias chama de “professor das quatro paredes”, expressão que podemos conferir como metafórica à escola tradicional ocidental. A oralidade, associada a uma linguagem corporal é a principal forma de transmissão do conhecimento engendrada na prática do Professor de Cultura. Nestes momentos, o ensinamento está ligado à experiência e integrado à vida. Para que se compreenda o cotidiano, a vida, o mundo, é necessário experimentá-las, o conhecimento se dá através do corpo, da ação, do comportamento social e da comunicação.

O conceito de comunidades de prática desenvolvido por Santos (2004) nos permitiu compreender a produção da vida, da cultura e da organização da escola no cotidiano das aldeias Xakriabá e ainda tecer caminhos para o entendimento do porquê este grupo vem elaborando cada vez mais movimentos que valorizam os saberes tradicionais calcados na oralidade. A contento, Gerken (2014, p. 263) elucida uma preocupação constante dos atores da escola em articular “os saberes produzidos e transmitidos pela escrita e os saberes transmitidos oralmente”.

Como aponta Silva (2014), a educação Xakriabá engloba todos os processos de aprendizagem e participação de uma comunidade de prática e acontece na integração das unidades educativas existentes em todo o território: a família, a comunidade, a religião, as instituições sociais – a exemplo, as associações indígenas de cada aldeia – e as instituições educacionais – as escolas indígenas Xakriabá. Esta participação se manifesta tanto na forma como são organizadas as atividades e a dinâmica das aulas como também ao passar ensinamentos para os Professores de Cultura.

Temos nas comunidades de prática um saber de experiência⁷, um saber que media o conhecimento e a vida humana, um processo de aprendizagem em que a atividade, o mundo e a pessoa se constituem mutuamente. Madalena Pinto dos Santos (2004), afirma que nelas aprender está intimamente ligado com a participação em comunidade, o conhecimento produzido é algo que só faz sentido quando pensado em relação às práticas sociais onde se desenvolve. As identidades e os saberes se desenvolvem na relação constante das pessoas e na ação com o mundo sócio-histórico e cultural. Portanto, a construção do saber se constitui como um aspecto da prática social e está relacionada diretamente ao contexto de ação, pode ocorrer em todas as atividades. Ou seja, a aprendizagem se constitui numa forma de ser e estar no mundo social e se relaciona intrinsecamente com a participação.

Esta dimensão pôde ser percebida nos relatos dos Contadores de Histórias Professores de Cultura nas entrevistas narrativas coletadas em campo e também em algumas aulas que observamos, onde o espaço é aberto à participação de toda a comunidade e não estritamente aos alunos da escola, é uma aula aberta onde outros professores da escola, não envolvidos diretamente na atividade, também levam seus alunos para participarem. São aulas em que podemos observar modos de aprendizagem fundados basicamente na transmissão oral do conhecimento com e na prática.

Ao trabalhar com pessoas de todas as idades, estudantes e não estudantes, a dinâmica das aulas, a forma como a atividade é conduzida, reflete uma forma totalmente diferente às formas escolares ocidentais de transmitir conhecimento. Observa-se que o espaço físico é a escola, mas a forma como aprendem as crianças e os adultos não difere

7 Saber de experiência tal como indica Larrossa (2001).

da forma cotidiana de transmissão do conhecimento nas aldeias, o saber se constrói na experiência vivida, na experimentação.

Apesar de terem uma prática comum de buscar conhecimentos com os mais velhos, construir planejamentos, ter aulas diferenciadas do “professor das quatro paredes”, cada Professor de Cultura tem sua especificidade e uma performance peculiar. O Professor de Cultura Contador de Histórias, por exemplo, preparou uma aula de pintura corporal construindo uma narrativa, como se estivesse contando uma história: primeiro procura-se a árvore do jenipapo com frutos, coleta-se os frutos, rala o jenipapo, torce no tapiti, reserva o líquido, e por fim pinta-se o corpo, mas ainda se diferencia cada desenho para homens, mulheres, e diferentes momentos da vida comunitária: luta, festa, ritual, casamento. Enquanto narrava toda a história, desde a procura da árvore do jenipapo, ia construindo imagens da caminhada com palavras e gestos que detalhavam cada momento. Ao final da aula, também utilizou o recurso tecnológico, mostrando aos alunos os vídeos que fez com o celular do processo de colheita e preparação da tinta.

Considerações finais

Apresento algumas questões para a finalização destas reflexões considerando os caminhos ainda a se percorrer na pesquisa em curso. Se a princípio se pensou que os Professores de Cultura precisavam ser os mais velhos (Pereira, 2013), hoje temos a maioria destes professores jovens. Estes novos professores também fazem parte do grupo da Juventude Xakriabá, são novos “guerreiros” que atuam nos movimentos de luta pela terra e pelos direitos indígenas. Estão intimamente envolvidos com as tradições de seu povo e a grande maioria com formação escolar – alguns com formação escolar básica completa e outros em processo de formação frequentando o ensino fundamental ou médio.

A partir desta constatação, identificamos um espaço de fronteira entre os modos de aprendizagem de uma cultura oral não escolar e outra escrita escolarizada. Nos casos analisados constatamos que a oralidade, como nas comunidades de prática, ocupa um lugar central na transmissão do conhecimento, uma vez que todo o aprendizado está ligado ao saber/fazer. Nas aulas de Cultura, porém, apesar de todo o processo de ensino e aprendizagem estar em consonância com os modos de aprendizagem das comunidades de prática, a escrita, apesar de pouco utilizada, tem também seu lugar de importância. Pude presenciar aulas de Cultura em que os alunos aprendiam músicas e registravam por escrito para que pudessem lembrar em casa e ensinar aos familiares ou ainda criavam versos contando sobre o que aprenderam naquele dia.

Para compreender esta relação entre oralidade e escrita, recorro a Tassinari (2001) ao utilizar o conceito de “espaços de fronteira” para analisar o cruzamento de conhecimentos difundidos pela escola e os conhecimentos tradicionais dos diferentes povos indígenas, a autora relata o fato etnográfico vivido por ela entre os Karipuna. Conta que certa vez foi aconselhada por uma jovem Karipuna, estudante de Antropologia, a procurar conhecer os mitos e histórias de seu povo, como o mito “de quando os macacos eram gente”. Ao chegar nas aldeias investigou, mas nenhum idoso ou idosa ou conhecedores de histórias tinham conhecimento deste mito. Foi então, que, ao procurar uma professora indígena, esta a aconselhou a conversar com uma professora não-índia que trabalhava nas escolas. Somente aí, Tassinari pode desvendar o mistério de o porquê muitos dos mais velhos não conhecerem o mito: a professora ensinou aos seus alunos a teoria da evolução de Darwin. O que suscitou uma série de mal-

entendidos, pois a aula foi compreendida pelas crianças e jovens como uma noção cosmológica e contada como um mito.

A situação vivida pela pesquisadora entre os Karipuna mostra como nas escolas indígenas os conhecimentos científicos se associam com os conhecimentos indígenas, criando, até mesmo, novos significados e explicações para a vida e o mundo em que vivem as comunidades. O caso da quase ausência do uso da escrita nas práticas protagonizadas pelos professores de Cultura nas escolas Xakriabá nos revela o quanto a escrita não está totalmente inserida nos modos de vida característicos deste povo, mas também nos diz do quanto há experiências peculiares de contato com a escrita e a escola. Há ainda que se considerar a história muito particular que os índios Xakriabá têm com a escola e a partir dela a introdução da escrita na TIX.

Outro aspecto de importante relevância apontado pelos processos de *levantamento da cultura* na escola Xakriabá é o papel do Contador de Histórias Professor de Cultura, ainda em análise, mas que nos aponta que ao se recuperar as memórias e as tradições, o saber histórico e cosmológico pode desempenhar um papel diferenciado na vida da comunidade. As narrativas, histórias contadas, são fundamentais na afirmação da identidade do grupo de reconhecimento e valorização de uma história desprezada pela história oficial, abrindo caminhos para novos paradigmas no trabalho com a linguagem oral e escrita nas escolas indígenas.

Por fim, ressaltamos a importância da etnografia na educação indígena de modo a nos permitir entender as escolas indígenas e seus mecanismos diversos e específicos de funcionamento. Considerando que a escola entra nas comunidades indígenas de modo a atuar conjuntamente com seus regimes próprios de conhecimento, devemos estar atentos ao risco de homogeneização que a incorporação da cultura na escola traz aos territórios autóctones, conforme nos aponta Clarice Cohn (2014). Tendo em vista que a escola pode fazer circular mais conhecimentos ou pode homogeneizá-los bem como suas práticas diferenciadas de aprendizagem.

Referências

AGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANASTÁCIO, Vanessa Lorena. *Diário de campo: Anotações diversas*. São João das Missões – TIX: Saberes Indígenas na Escola, 2015, 2016, 2017. Notas de campo (manuscritas). Não publicado.

BENJAMIM, Walter. “O narrador”. In: *Os pensadores*. Textos escolhidos/Walter Benjamim, Max Horkheimer, Theodor W Adorno, Jürgen Habermas. Trad. José Lino Grünewald... [et al.]. 2a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 343 p.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CUNHA, Manuela Carneiro. “*Cultura*” e *cultura*: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: CUNHA, Manuela Carneiro. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2009. p.275-373

CUNHA, Manuela Carneiro. Etnicidade, Indianidade e Política. In: CUNHA, Manuela Carneiro. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2009. p. 221-274.

COHN, Clarice. A cultura nas escolas indígenas. In.: CUNHA, Manuela Carneiro; CESARINO, Pedro Niermeyer (orgs). *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 313-338.

Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena
https://www3.ufpe.br/remdipe/images/documentos/edu_escolar/ml_04.pdf

FLICK, Uwe. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Trad. Luciano Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALVÃO, Ana. Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: Marinho, M.; Carvalho, G. T. (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 218-248.

GERKEN, Carlos Henrique de Souza (*et al*). *Letramento, identidade e cotidiano entre os jovens Xakriabá*. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.30. Nº04. p. 251-276. Outubro-Dezembro 2014.

GOMES, Ana Maria R.; MIRANDA, Shirley Aparecida. A formação de professores indígenas na UFMG e os dilemas das “culturas” entre os Xakriabá e os Pataxó. In.: CUNHA, Manuela Carneiro; CESARINO, Pedro Niermeyer (orgs). *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.p. 455-483.

GOMES, Ana Maria R. *O processo de escolarização entre os Xakriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação*. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 32 maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a10v11n32.pdf>. Acesso em: 05/10/2015.

LAGROU, Els. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C / Arte, 2009. 128 p.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LOPES, José de Sousa Miguel. *Cultura acústica e letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural*. São Paulo: Educ, 2004.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. *Educação escolar indígena no Brasil: avanços, limites e novas perspectivas*. 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PEREIRA, Verônica Mendes. *A circulação da cultura na escola indígena Xakriabá*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SANTOS, Ana Flávia Moreira. *Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra Indígena Xacriabá: as circunstâncias da Formação de um povo*. Um estudo sobre a construção social de fronteiras. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília: 1997.

Santos, Madalena Pintos dos. *Encontros e esperas com os Ardinás de Cabo Verde: aprendizagem e participação numa prática social*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

SILVA, Rogério Correia da. *Participação e aprendizagem na educação da criança indígena*. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 58 jul.-set. 2014

TASSINARI, Antonella. *Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação*. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. *Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola*. SP:Global, 2ª ed, 2001. p. 44-70.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Inês de Almeida e Maria Lucia Diniz Pochat. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Inês de Almeida e Maria Lucia Diniz Pochat. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, leitura, recepção*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.